

# NOVO PREÇO DO LEITE

*Sebastião Teixeira Gomes<sup>1</sup>*

O longo período de tabelamento do preço do leite provocou profundas distorções, tanto nos sistemas de produção, quanto na maneira com que alguns produtores analisam a atividade leiteira. Nos sistemas de produção, freando sua modernização ao dificultar a especialização do rebanho, em razão dos riscos embutidos nessa estratégia, naquele ambiente econômico. Na maneira de pensar de alguns produtores, confundindo preço do leite com lucro do produtor. No mundo capitalista o objetivo de todo empresário racional é a maximização de lucro que, não necessariamente, está atrelado ao maior preço do produto. Pode-se também elevar o lucro reduzindo os preços de insumos e serviços e, ou, aumentando a produtividade. Em outras palavras, reduzindo os custos de produção.

Agora, estamos vivendo um novo momento, com os preços de leite e derivados livres do tabelamento. Esse sistema, que iniciou no final de 1991, vai tomando novas formas com a inclusão do pagamento por volume e por qualidade. Pode-se dizer que, hoje em dia, dentro de uma mesma indústria, seja ela particular ou cooperativa, cada produtor recebe um preço diferente por litro de leite vendido. Tais diferenças chegam até a 50%. Isto é, o preço mais alto chega a ser 50% maior que o mais baixo.

A permanência do preço diferenciado (e tudo indica que ele permanecerá, porque é uma exigência do mercado livre e cada vez mais concorrencial) provocará profundas transformações no segmento de produção. De um lado, os que recebem maior preço, irão aumentar a velocidade de modernização da atividade leiteira. De outro, os que recebem menor preço, caso não sejam compensados com medidas que reduzam seus custos de produção, irão ter dificuldades de permanecerem na atividade.

O novo quadro do mercado do leite deixou alguns dirigentes de cooperativas em posição desconfortável. Se por um lado eles sabem que o mercado é soberano para estabelecer suas regras, por outro, ficam presos aos princípios cooperativistas que asseguram direitos iguais para todos. Nesse dilema, descontentam a todos e correm o risco de serem esmagados pelas impiedosas forças do mercado. As evidências têm mostrado que a saída passa por uma interpretação mais flexível do conceito direitos iguais para todos. Isto é, garantir o mesmo preço para todos que entregarem as mesmas quantidades de leite com os mesmos padrões de qualidade. Do contrário, imaginando que

---

<sup>1</sup> Professor Titular da Universidade Federal de Viçosa. Escrito em 03.10.96.

estão garantindo, ao pé da letra, os princípios do cooperativismo, correm o risco do fim de cooperativa. É uma questão de opção.

Nesta nova realidade, novos papéis são reservados para os líderes rurais, especialmente para os dirigentes de sindicatos. É inútil tentar substituir o governo com um tabelamento disfarçado. O mercado não aceita isso. Entretanto, há muito que se fazer na criação de facilidades para reduzir o custo de produção. Nesse sentido, a indústria de laticínio deve muito ao produtor, especialmente ao pequeno produtor.

A exemplo de produtos tais como: frango, laranja, cana-de-açúcar e outros, onde a modernização dos processos de produção foi puxada pela agroindústria, também isso deve acontecer no leite. Aliás, já são observados diversos casos nessa direção, com a indústria laticinista, particular ou cooperativada, facilitando o melhoramento genético dos animais, a alimentação do rebanho e a melhoria da qualidade do leite. São iniciativas de sucesso que devem ser expandidas. Não há dúvida que o perfil tecnológico da produção de leite será definido pela indústria laticinista.

No contexto discutido anteriormente uma situação que precisa de ser examinada é a do pequeno produtor. De início um esclarecimento: a atividade leiteira é típica de pequenas e médias propriedades. O leite não interessa ao latifundiário. Portanto, não se pode concluir que todo pequeno proprietário será, necessariamente, um pequeno produtor. Outro conceito que não se pode ter dúvida diz respeito a necessidade de se operar com elevados volumes de leite por propriedade, para que a atividade seja um bom negócio. A combinação desses dois argumentos deixa como única saída para o pequeno proprietário, que hoje é pequeno produtor, a sua integração com a indústria laticinista. Muitas vezes ele quer evoluir mas não pode. Aí entra a agroindústria para viabilizar sua evolução. A condenação do fim do pequeno produtor só acontecerá se ele continuar como está.

Diante de tudo o que foi discutido, a realidade mostra uma situação que pode ser ameaçadora para o pequeno produtor de leite. O pior é que as lideranças estão fazendo muito pouco para reverter esse quadro. Ao invés de gastarem toda a munição querendo mudar as leis do mercado, deveriam pressionar a indústria laticinista para ampliar a oferta de insumos e serviços em condições facilitadas, de modo a reduzir os custos de produção. Esse sim é um caminho que dá leite.